

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O “RASGA TRISTEZA”: CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL I EM SALGUEIRO-PE (2007-2017)

Larissa Beserra dos Santos¹
Mestranda do PPGH/UFPE
larissa.s.beserra@gmail.com

1. O “Rasga Tristeza”

O Centro de Atenção Psicossocial I “Rasga Tristeza” inicia seu atendimento no ano de 2007, na cidade de Salgueiro, localizado a 516 km da capital do estado, Recife. Atualmente, o município conta com 61.249 habitantes, segundo estimativa do IBGE. Além de estar dentro do contexto do processo de Reforma Psiquiátrica, a inauguração do “Rasga Tristeza” partiu da expressiva necessidade de uma assistência psicossocial que estivesse fixada no próprio município, que se encontrava em situação de recorrente dependência em relação à cidade vizinha, Serra Talhada. Esta é popularmente conhecida no sertão central pelo atendimento em saúde mental, que, no entanto, até o ano de 2008, esteve concentrado estritamente no modelo hospitalocêntrico, ou seja, com base na internação de caráter manicomial.

A Clínica Psiquiátrica “São Vicente” (atualmente Irmã Dulce), estabelecida em Serra Talhada, funciona desde a década de 1980. Assim, até a inauguração do “Rasga Tristeza”, em Salgueiro, no ano de 2007, o município encontrava-se em constante dependência do atendimento em saúde mental de Serra Talhada. Posto essa relação entre as duas cidades quando se fala de saúde mental, ainda destacamos a relação de certa dependência dessas instituições em relação à capital do estado, Recife, apontando para a problemática dos serviços de saúde mental do sertão central que ainda não atendem a demanda da população.

O CAPS I ganhou o nome oficial de “Rasga Tristeza” em referência a um personagem natural da cidade de Parnamirim-PE, mas que vivia em Salgueiro. A partir do diálogo com uma das primeiras funcionárias do CAPS I, nos foi contado que esse homem era chamado pela população também por Rasga Tristeza. Era tido como “louco”

¹ Bolsista CAPES. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Cultura (GEPHC/CNPq/UFCEG). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5909077091978621>.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e cantarolava pelas ruas da cidade uma música que tinha essa expressão como trecho ápice, entoando de forma enfática e dolorosa:

“Rasga Tristeza dentro do meu coração
A vida é mesmo assim
Eu rasgo por quem não rasga por mim
Ai meu Deus”.

Acredita-se que essa canção, de autoria própria, partiu de um amor não correspondido. Provavelmente, para Rasga Tristeza, cantar servia para aliviar as dores do coração, os sofrimentos e desamores.

Além de pensar na experiência singular do CAPS I “Rasga Tristeza”, intencionando ampliar o que se compreende por Reforma Psiquiátrica (RP), sobretudo em sua esfera local, no sertão de Pernambuco, também pretendemos discutir acerca do processo de Reforma Psiquiátrica no seu âmbito regional, em Pernambuco, bem como também no cenário nacional, buscando perceber suas diversas nuances.

Em meio ao regime ditatorial civil-militar brasileiro, de 1964, vários movimentos sociais começaram a ascender. O Movimento de Reforma Sanitária Brasileira (RSB)², por exemplo, torna-se potente na década de 1980, bem como o Movimento Nacional de Luta Antimanicomial (MNLA), que começou a ser delineado no fim da década de 1970 e, mais especificamente, em 1987, a partir, sobretudo, do engajamento dos trabalhadores em saúde mental. Destacamos que o campo antimanicomial emerge como um projeto de sociedade, além de cuidado, influenciando diretamente no processo de Reforma Psiquiátrica.

Como apontam estudos realizados no Hospital de Alienados de Pernambuco, no Asilo de Alienados São Vicente de Paula, no Ceará, no Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais e no Hospital Psiquiátrico do Juquery, em São Paulo, as características ligadas à história da loucura no país estiveram marcadas pelo enclausuramento e tortura

² Destacamos ainda que o Sistema Único de Saúde (SUS) foi implantado, em 1988, no contexto da criação da Constituição Cidadã, como parte das políticas públicas propostas pela RSB, sendo um componente de um processo amplo e contínuo que aponta para uma busca de reforma social, cf. PAIM, Jairnilson Silva. **Reforma sanitária brasileira**: contribuição para a compreensão e crítica. Editora Fiocruz, 2008.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

física e mental desde o século XIX³. Assim, o Movimento de Reforma Psiquiátrica, como o que se inicia na Itália, com Franco Basaglia e a Antipsiquiatria, com Thomas Szasz, nos Estados Unidos, e Ronald Laing, na Inglaterra, na década de 1960, surgem atacando os parâmetros que davam suporte a este tipo de conduta historicamente racista⁴, classista e sexista da história da psiquiatria. No cenário nacional, compreendemos o processo de Reforma Psiquiátrica como atuante ao construir-se “por uma sociedade sem manicômios”. Com a aprovação da Lei nº 10.216 de 2001, o Movimento busca concretizar-se no âmbito legislativo.

A fim de compreender os caminhos percorridos pelo CAPS I “Rasga Tristeza”, nosso recorte temporal delinea-se entre 2007-2017, norteando-se a partir da inauguração da instituição até sua primeira década de funcionamento, em que se completa 30 anos do “Manifesto de Bauru”. Este recorte busca analisar o que mantém essa estrutura e se apresenta como descontinuidade no atendimento em saúde mental, considerando perceber as tensões que se elaboram e os efeitos que aparecem neste contexto histórico.

2. Reflexões teórico-metodológicas

Em termos teóricos, iremos operacionalizar nosso trabalho através das reflexões de “relações de poder” e “loucura”, de Michel Foucault; “reforma psiquiátrica”, discutida por Paulo Amarante; “sujeito” possibilitado pelas historiadoras da loucura Yonissa Marmitt Wadi e Maria Clementina Pereira Cunha e “território”, instrumentalizado por Gilles Deleuze e Félix Guattari. A metodologia adotada é a “análise de discurso” em uma perspectiva foucaultiana, perpassada também pela história oral.

² Para mais informações sobre esses estudos, cf.: MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Terapias biológicas e a prática da lobotomia nos hospitais psiquiátricos de Pernambuco na primeira metade do século XX, p. 203-219. *Saeculum – Revista de História*, n.31, jul.-dez. 2014. OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **O asilo de alienados: São Vicente de Paula e a institucionalização da loucura no Ceará (1871-1920)**. Tese de Doutorado (História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. Editora Geração, 2013. CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

⁴ Os estudos de Frantz Fanon vinculados à prática clínica e as lutas antirracistas e anticoloniais são pertinentes ao apontar o racismo e a colonização às “patologias da liberdade” que são produzidas social e culturalmente, cf.: FANON, Frantz. **Alienação e liberdade**: escritos psiquiátricos. São Paulo: Ubu, 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As reflexões propostas por Michel Foucault, que veio ao Brasil pela primeira vez no ano de 1965, influenciaram diretamente os estudos acerca da história da loucura, das instituições psiquiátricas, do saber-poder médico, sobretudo a partir da década de 1980. Desta forma, suas análises acerca das relações de poder nos ajudarão a problematizar o poder e as tramas políticas e sociais, que compreendemos não como algo dado e unilateral, mas como contínuo, relacional e capilar, exercido entre as instituições e seus atores.

Assim sendo, Foucault, na obra “Microfísica do Poder” (1998), nos aponta o que ele compreende por “poder”, que deve estar intrinsecamente presente em temáticas marginalizadas como a da loucura:

Ninguém se preocupava com a forma como ele se exercia concretamente e em detalhe, com sua especificidade, suas técnicas e suas táticas. (...) Só se pôde começar a fazer este trabalho depois de 1968, isto é, a partir das lutas cotidianas e realizadas na base com aqueles que tinham que se debater nas malhas mais finas da rede do poder. Foi aí que apareceu a concretude do poder e ao mesmo tempo a fecundidade possível destas análises de poder, que tinham como objetivo dar conta destas coisas que até então tinham ficado à margem do campo da análise política. (1998, p. 6).

Além disso, também é possível perceber a noção de loucura, elaborada a partir das obras “História da Loucura” (2014), e “O Nascimento da Clínica” (1980), intencionando discutir que o que se compreende enquanto loucura está dotado de historicidade. Isto é, os significados da loucura foram sendo alterados: de uma loucura circulante, à “Nau dos Loucos”, como retratadas nas pinturas de Bosch, às transformações da medicina, à medicalização dos hospitais e sua especialização, ao enclausuramento da loucura, evidencia-se a historicidade do fenômeno histórico da loucura.

Essa perspectiva de pensar a loucura, perpassada pelas relações de poder e fabricada culturalmente pela sociedade, ou seja, tendo significações várias a partir de tempos e espaços distintos, será operacionalizada em correlação com as reflexões do que se compreende por “saúde mental”, no tempo presente, por exemplo, por Paulo Amarante em “Saúde Mental e Atenção Psicossocial” (2007), para que possamos pensar a arqueologia histórica dos sentidos atribuídos à loucura.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No que diz respeito às discussões sobre o processo de Reforma Psiquiátrica, sobretudo a nível nacional, identificamos que sua trajetória não é linear, justamente pelas relações de forças que atravessam essa temática, mas a busca pelo cuidado em liberdade conduz seu percurso. Obras de Amarante como: “Uma aventura no manicômio. A trajetória de Franco Basaglia” (1994), “Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil” (1998), “Ensaio: subjetividade, saúde mental, sociedade” (2000), serão fundamentais para a construção da problemática voltada para a análise de como está sendo delineado o processo de RPB, bem como o que se compreende enquanto Reforma, fornecendo suporte para pensar nas camadas local e regional, costurando nosso objetivo.

Nas reflexões dos “sujeitos”, acentuamos nossa percepção nos inspirando na obra “O espelho do mundo: Juquery a história de um asilo” (1986), de Maria Clementina Pereira Cunha, primeira tese de doutorado acerca da história da loucura publicada no Brasil, que nos mostra a preocupação em apresentar os personagens históricos tidos como “loucos”, buscando perceber as relações de poder que marginalizaram homens e mulheres a partir das “máscaras da razão”.⁵ O que se esperava como imagem refletida nos “internos”, nada mais era que a própria imagem dos psiquiatras e, conseqüentemente, da sociedade normativa e moralizadora, considerada modelo do “espelho do mundo”.

Cunha nos direciona assim para a necessidade de trazer os sujeitos para a narrativa historiográfica, a partir de fragmentos de suas histórias de vida,⁶ que lidam com experiências de sofrimento psíquico, dialogando com nossa perspectiva de não pensar em uma historiografia apenas institucional.

Além disso, o pioneirismo na forma como Maria Clementina Pereira Cunha (1986) trabalhou com os prontuários enquanto fonte histórica, buscando pensar não só o Hospício do Juquery enquanto instituição, mas também nos sujeitos que ali estavam, ou

⁵ Usamos a expressão “máscaras da razão” em referência à dissertação de Maria Concepta Padovan intitulada “As Máscaras da Razão: Memórias da loucura no Recife durante o período do Estado Novo (1937-1945)”, UFPE, (2007).

⁶ Os casos de enclausuramento feminino e suas histórias subjetivas contadas por Cunha chamam a atenção, como é o caso de uma mulher que por viajar só e vestir roupas masculinas estaria transgredindo as normas do que se entendia por “natureza feminina”, sendo internada.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

seja, buscando “identificar os habitantes do espelho”, possibilita pensar nossa maneira de lidar com as fontes.

Por outro lado, empreender a análise a partir do hospício significa incorporar aí outras falas que se cruzam: apesar do esforço para aniquilar sua presença e apagar sua voz, os registros do asilo denunciam a presença dos “loucos”, resgatam ao menos em parte sua fala e sua experiência, evidenciam sua resistência surda e constante, permitindo o estabelecimento de relações para as quais os historiadores estiveram muito desatentos. (1986, p. 16)

Ainda nesta linha de pensar o “sujeito”, aproximamo-nos também dos trabalhos de Yonissa Marmitt Wadi, tendo em vista que ela busca contar histórias de vida, como a de Pierina, personagem central abordada em sua tese de doutorado denominada “A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura” (2009). Além disso, em um trabalho mais recente, intitulado “Olhares sobre a loucura e a psiquiatria: um balanço da produção na área de História (Brasil, 1980-2011)” (2014), a historiadora constrói uma genealogia da história da loucura no tempo presente, pensando na necessidade de se voltar o olhar para as especificidades da Reforma Psiquiátrica nas federações, no seu caso, o estado do Paraná, trazendo a problemática do recorte de âmbito estadual e também do recorte temporal mais recente da história loucura e da saúde mental, o que concilia diretamente com a proposta deste projeto.

Para concluir, optamos por utilizar o conceito de território, trabalhado por Deleuze e Guattari. Compreendemos território enquanto movimento em que linhas de fugas são acionadas, perpassando além do geográfico, contornando o existencial, atravessando afetos. Logo, este conceito nos é fundamental para pensar na problemática da loucura, analisando quais potencialidades de vida estariam sendo agenciadas no CAPS I “Rasga Tristeza”. Entendemos, nessa pesquisa, a importância de perceber que a construção subjetiva desses sujeitos ultrapassa a ideia de um território conhecido e normatizado, dando lugar a uma busca por novos caminhos em que os mesmos possam criar relações com outras vidas, mas sem perder a possibilidade de desterritorializar-se novamente.

Nesse ritmo, a metodologia para este estudo pode consistir na perspectiva de “análise do discurso”, problematizada por Michel Foucault, a partir da ideia de que: “o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar". (2014b, p. 10). Desta maneira, tendo em vista os discursos que perpassam as relações de poder acerca do “Rasga Tristeza”, podemos compreender os discursos e práticas acerca da história recente da loucura.

3. Fontes e suas possibilidades de pesquisa histórica

A base documental desta pesquisa consiste em quatro tipos de fontes: bibliográficas, legislativas, entrevistas orais e prontuários médicos.

Em se tratando das fontes bibliográficas, além das já mencionadas, dialogamos também com a obra a “Instituição Negada” (1985), de Franco Basaglia, para pensar em como o processo de Reforma Psiquiátrica Brasileira foi sendo arquitetado com inspirações italianas.

Considerando que os caminhos que alicerçam o processo da Reforma permeiam entre avanços e retrocessos, a obra “Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira” (2010), fruto da tese de doutorado de Silvio Yasui, também será pertinente para nossa proposta. Em um contexto estadual, a dissertação intitulada “Políticas públicas de saúde mental e reforma psiquiátrica em Pernambuco (1991-2001)” (2008), de José Rogério Oliveira, nos auxilia a pensar na trajetória que a RPB percorreu em Pernambuco, tendo em vista os seus avanços e limitações.

Por intermédio da legislação, especificamente a partir dos textos do Projeto de Lei nº 3.657, de 1989, e da Lei nº 10.216, de 2001, se faz necessário problematizar as proximidades e distanciamentos entre projeto e Lei levando em consideração que o primeiro tramitou ao longo de 12 anos na Câmara e no Senado até ser promulgada. Além disso, é válido considerar a Lei nº 11.064 de 1994 do estado de Pernambuco, destacando que este foi o terceiro estado a promulgar uma legislação própria para a saúde mental, dentro dos rumos da RPB. Posto que essas legislações sejam uma das sinalizadoras do processo de Reforma Psiquiátrica, esse referencial contribui para pensar nos caminhos que estão sendo percorridos também pelo CAPS I “Rasga Tristeza”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em meio a estas fontes até então apresentadas, as entrevistas orais surgem como possibilidade de pensar na inauguração e funcionamento do CAPS a partir do diálogo com atores ativos, sobretudo entre os anos de 2007 e 2017, como: políticos, profissionais em saúde mental, usuários, familiares e membros da sociedade civil, aos quais já fizemos um levantamento. Compreendemos, segundo Antônio Montenegro, que “os historiadores que pesquisam sobre temas relacionados à história do tempo presente, sempre que possível não devem prescindir da possibilidade de realizar entrevistas” (2016, p. 444). Portanto, o diálogo com a história oral nos possibilita colocar em prática nossa perspectiva de análise, tanto das tramas do poder que foram urdidas, quanto das experiências e histórias de vida dos sujeitos que fazem uso do CAPS “Rasga Tristeza”.

Com os prontuários também é visível perceber as narrativas acerca dos usuários. Além disso, este documento viabiliza acessar pontualmente quais as atividades que estão sendo realizadas no CAPS I “Rasga Tristeza”, considerando como se estabelece sua dinâmica e como os usuários estão inseridos nesse serviço, tentando perceber quais as possibilidades de desterritorialização e reterritorialização desses sujeitos. Esses documentos encontram-se arquivados na instituição e serão analisados somente a partir do parecer do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

No mais, esta pesquisa emerge de lacunas no campo da história da loucura e da saúde mental, ademais que tem como recorte os sertões. Posto isto, o desejo é dar visibilidade e dizibilidade a esses espaços e sujeitos que, até o presente momento, não foram explorados pela historiografia brasileira.⁷ Tendo em vista as singularidades desse cenário, sua cultura, população, tradições e suas relações com a loucura, compreendemos que pensar na esfera do local é lidar com o inesperado, com as discontinuidades e perceber que a historiografia não é homogênea, o que nos motiva a dar sequência aos estudos historiográficos da loucura no sertão do Nordeste, intencionando contribuir com a construção do saber histórico.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

⁷ A partir de levantamentos bibliográficos, não identificamos pesquisas publicadas sobre loucura e/ou saúde mental que partam de uma perspectiva historiográfica no sertão de Pernambuco, tampouco no recorte espacial proposto, Salgueiro.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

AMARANTE, Paulo (org.). **Loucos pela vida:** a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998.

_____. **Ensaio:** subjetividade, saúde mental, sociedade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

_____. Uma aventura no manicômio. A trajetória de Franco Basaglia. **Historia ciências saúde-manguinhos**, v. 1, p. 61-77, 1994.

_____. **Saúde mental e atenção psicossocial.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

ANGELI, Daniela. **Uma análise arqueológica dos discursos do movimento de luta antimanicomial no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro.** São Paulo: Editora Geração, 2013.

BASAGLIA, Franco. **A instituição negada:** relato de um hospital psiquiátrico. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.

BRASIL. Constituição. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. **Diário Oficial da União**, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Legislação em saúde mental: 1990-2004** / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Secretaria de Atenção à Saúde. – 5. ed. ampl. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente; DA SILVA SOARES, Fagno. História Oral entre reflexões e memórias: Revisitando o percurso de Antônio Torres Montenegro e suas trilhas metodológicas do fazer historiográfico. **Revista Observatório**, v. 2, n. 2, p. 426-446, 2016.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo:** Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze.** 1989. Disponível em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>. Acesso em: 25 de agosto de 2020.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia, vol. 4/ tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 1997.

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade:** escritos psiquiátricos. São Paulo: Ubu, 2020.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

_____. **História da Loucura:** na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 2014a.

_____. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal. 1998.

_____. **O nascimento da clínica.** 2. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1980.

JUNQUEIRA, Helmara Gicelli Formiga Wanderley. **Doidos [as] e doutores:** a medicalização da loucura na Província/estado da Parahyba do Norte 1830-1930. Tese de Doutorado (História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

LIMA, Andrea de Alvarenga; HOLANDA, Adriano Furtado. História da psiquiatria no Brasil: uma revisão da produção historiográfica (2004-2009). **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 10, n. 2, 2010.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; YASUI, Silvio. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. **Revista Saúde Debate.** Rio de Janeiro, V. 38, N. 102, p. 593-606, jul-set, 2014.

LOBOSQUE, Ana Marta. **Experiências da loucura.** Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A Arte de Curar nos Tempos da Colônia.** 2ª ed. revista, ampliada e atualizada. Recife: EDUFPE, 2011.

_____. **Quando a Razão Começa Julgar a Loucura:** a institucionalização do sistema manicomial em Pernambuco. *Cadernos de História:* Oficina de História – Ano VII, n.7, 2010. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

_____. Terapias biológicas e a prática da lobotomia nos hospitais psiquiátricos de Pernambuco na primeira metade do século XX, p. 203-219. *Saeculum – Revista de História*, n.31, jul.-dez. 2014.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **O asilo de alienados:** São Vicente de Paula e a institucionalização da loucura no Ceará (1871-1920). Tese de Doutorado (História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

_____. Embates psiquiátricos na segunda metade do século XX – O discurso contra hegemônico da antipsiquiatria. *In:* 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil, Recife: 2019. **Anais eletrônicos**, Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019, p. 1-13.

OLIVEIRA, José Rogério de. **Políticas públicas de saúde mental e reforma psiquiátrica em Pernambuco (1991-2001).** Dissertação de Mestrado (História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PADOVAN, Maria Concepta. **As Máscaras da Razão:** Memórias da loucura no Recife durante o período do Estado Novo (1937-1945). Dissertação de Mestrado (História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

PAIM, Jairnilson Silva. **Reforma sanitária brasileira:** contribuição para a compreensão e crítica. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

PELBART, Peter Pál. **A nau do tempo-rei:** sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. **Da clausura do fora ao fora da clausura:** loucura e desrazão. São Paulo: Iluminuras, 2009.

SANTOS, Larissa Beserra dos. **As Faces da Loucura em Cajazeiras-PB:** Entre o Social e o Sensível. Monografia (História) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2019.

VIDAL, Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 49, p. 11-31, 2005.

WADI, Yonissa Marmitt. **A história de Pierina:** subjetividade, crime e loucura. Uberlândia: EDUFU, 2009.

WADI, Yonissa Marmitt. Olhares sobre a loucura e a psiquiatria: um balanço da produção na área de História (Brasil, 1980-2011). **História Unisinos**, v. 18, n. 1, p. 114-135, 2014.

_____. **Palácio para guardar doidos:** uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2002.

YASUI, Silvio. **Rupturas e encontros:** desafios da reforma psiquiátrica brasileira. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.